

BIOGRAFIA CULTURAL E DEMANDA: EXERCÍCIO SOBRE A TRAJETÓRIA SOCIAL DO DISCO DE VINIL

ANDRESSA PORTO PEREIRA¹; CLAUDIA TURRA MAGNI²

¹*Universidade Federal de Pelotas – andressappereira@hotmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas - clauturra@yahoo.com.br*

1. INTRODUÇÃO

Guiado pelas contribuições de Appadurai (2008) sobre a vida social das coisas, este ensaio versa sobre a trajetória do disco de vinil. Este exercício etnográfico realizado para a disciplina de Antropologia do Consumo localizou-se no universo de um estabelecimento de vendas desta mercadoria na cidade de Pelotas. Trago considerações do interlocutor, Marco Antônio Caetano Cunha, conhecido como Marquinho, para fazer dialogar suas falas com as reflexões de Appadurai (2008) sobre biografia cultural e demanda.

2. METODOLOGIA

O exercício etnográfico foi realizado a partir de duas conversas com o interlocutor. A primeira foi realizada no Mercado Central da cidade, onde aos sábados ele participa do Mercado das Pulgas. Para a última conversa foi preparada uma entrevista semi-estruturada, acompanhada de gravação de áudio e fotos. Essa entrevista aconteceu em sua loja, onde tínhamos combinado de adensar algumas questões que foram comentadas na primeira conversa.

Na loja, localizada no centro de Pelotas, Marquinho vende discos de vinil, e em menor quantidade CD's, e também realiza a digitalização de discos de clientes. A loja contém uma peça ampla com discos em sua volta e ao fundo um balcão do qual Marquinho se encontra. As questões pensadas para o momento giraram em torno do tempo que ele trabalha com discos; do mercado de procura e venda; da definição de preços; do meio digital e do perfil dos compradores e vendedores. O recorte temático aqui em foco para iluminar estes dados procura desenvolver questionamentos quanto à vida social desses discos, a partir de dois aspectos: sua biografia cultural e demanda.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Appadurai (2008) explica a diferença entre história social e biografia cultural das coisas. Quando as mercadorias passam por mãos, contextos ou usos diferentes, acumulando uma biografia específica ou um conjunto delas é preciso entendê-las como biografia cultural. Já a história social, considera as alterações de longo prazo, de demandas e dinâmicas de larga escala que transcendem as biografias específicas de coisas. Marquinho fala de altos valores para edições originais de discos raros, a biografia cultural desses discos é diferente da de outros discos e também da de suas próprias reedições. Vamos tentar entender um desses casos com a interpretação da biografia cultural de um desses discos. Marquinho fala que *edições originais é mais para colecionador mesmo, quem tá afim de investir em disco*. Conta que vendeu o disco Paêbirú de Zé Ramalho e Lula Côrtes, por 4.500 reais do qual hoje seu valor se encontra ainda maior. Ele me mostrou a reedição que custa em torno de 200 reais e me fala de outras

reedições com encarte reduzido que se encontra com menor preço. Essas reedições não ameaçam a essência do original, mas compartilham dela a ideia proposta pela primeira edição do disco (BENJAMIN *apud* APPADURAI, 2008, p.65).



Não da pra dizer que é um solo do Lula ou do Zé Ramalho, mas esse aqui é um disco importante.
(Marquinho)

Figura 1. Lula Côrtes e Zé Ramalho – Paêbirú (1975) reedição de 2008.

Marquinho conta que os originais desse disco são muito raros e que tem uma *história* envolvendo eles. Muitos deles se perderam por conta de uma enchente que aconteceu no rio que ficava perto da gravadora. Comenta não saber quantos existem no Brasil hoje porque *a maioria vai para as mãos dos gringos*. Referindo-se a compradores japoneses e europeus que se interessam por essas obras e compram pela internet.

Segundo Appadurai (2008, p.17) os “significados das mercadorias estão inseridos em suas formas, seus usos e suas trajetórias”. Para o autor é somente pela análise destas trajetórias que podemos interpretar as questões sociais que dão vida às coisas.

A partir da fala de Marquinho podemos tentar entender a vida social de discos de vinil, entender como esses artigos podem criar valor econômico em situações sociais específicas, tal como ele explica:

Há 15 anos estava naquela onda, pessoal estava se desfazendo dos vinis trocando as coleções tudo para CD. Naquela época vinil estava em baixa, legal para quem estava afim de começar coleção. Muita gente se desfazendo tu comprava num preço legal e vendia dentro daquele preço.
(Marquinho)

Como exemplo, me fala de disco da banda Pink Floyd que antes custava entre 8 e 15 reais e hoje está entre 60 e 80 reais.

Appadurai (2008) nos ajuda a entender essa situação quando explica que a mercantilização reside na complexa integração de fatores temporais, culturais e sociais. A mudança tecnológica da época levou um grupo de pessoas a buscar outros interesses relacionados a novas mídias enquanto outro grupo permaneceu comprando discos de vinil, estabelecendo assim, certo valor em relação à demanda. Esses vinis têm histórias de vida que são culturalmente reguladas e “sua interpretação admite até certo ponto a manipulação individual” (APPADURAI, 2008, p.31).

Marquinho explica que sempre apostou no vinil:

Nunca deixei de apostar nele, eu tinha CD's na loja, mas eu sempre investi mais no acervo de vinil, mesmo o pessoal estando na onda do

CD. Eu tinha bem mais antes eu queria ver se me desfaço de todo acervo de CD para investir mais no vinil. (Marquinho)

Há 15 anos, a oferta era maior e a procura era pouca, hoje aumentou a procura e diminuiu oferta, Marquinho explica: *aumentou a procura com certeza aumentou, diminuiu a oferta e ao mesmo tempo teve toda essa onda da volta do vinil*. Aqui podemos entender a demanda como um “complexo mecanismo social que intermedia padrões da circulação de mercadorias de longo e curto prazo.” (APPADURAI, p. 59) A demanda não é uma noção mecânica a estrutura. Ela surge como uma série de práticas e classificações sociais dentro do consumo. Este é entendido dentro da demanda dos discos como “social, relacional e ativo, em vez de privado, atômico ou passivo” (APPADURAI, p.48). Essa perspectiva do consumo não está no seu sentido negativo, vista como alienação. Mas de uma perspectiva do qual entende o uso do universo material, e imaterial, como importante para se reproduzir física e socialmente. Consumo entendido como experiência, atitudes e práticas (BARBOSA e CAMPBELL, 2007).

A demanda desses discos é vista aqui como um “impulso gerado e regulamentado socialmente e não um artefato de caprichos ou necessidades individuais” (APPADURAI, 2008, p.50). Marquinho explica que muita gente começou a colecionar vinil por querer um som puro e diz: *quem curte mesmo o vinil sabe, o som é outro, é coisa física de ter o disco, a capa, o encarte*. Appadurai (2008) nos coloca que considerações desse tipo sobre demanda e valor tornam-se centrais para a compreensão do que, à primeira vista, parecem saltos estritamente técnicos sobre usos de mercadorias. Quando o que acontece é um entendimento, por parte do grupo, “uma habilidade, um conhecimento, discernimento, amor e paixão” aos significados que as mercadorias carregam e também de diferenciações entre elas (CAMPBELL, 2004, p.49). Campbell (2004, p.45) coloca este aspecto do “consumo artesanal” como criativo, do qual o consumidor empresta sua “habilidade, conhecimento e paixão ao ser motivado por um desejo de se expressar”. O autor nos coloca que o interesse nesta prática do consumo está no processo de adquirir e possuir de forma seletiva e apaixonada, está no desejo de participar de atos livres de expressão.

Podemos compreender que existe um entendimento, por parte dos apreciadores e consumidores, do significado que o disco carrega. Assim como para Appadurai (2008, p.65), aqui a “autenticidade não é da alçada de peritos e de critérios esotéricos, mas de espécies populares e públicas de confirmação e verificação”. Há uma arena especial isolada da vida econômica sujeita a regras especiais, há um ethos agonístico, romântico e com ares de jogo envolvendo a compra e venda desses discos.

4. CONCLUSÕES

Através desse exercício etnográfico, duas considerações podem ser feitas sobre a trajetória social dos discos de vinil. Uma delas são as diferentes edições do mesmo disco que passam por usos e contextos diferentes acumulando uma biografia cultural específica. Existe uma confirmação do grupo sobre o que é raro, legitimando o valor com o significado que o disco carrega. Outra consideração é do valor estabelecido em relação a demanda. Há 15 anos o valor do disco era diferente do valor atual, explicando que a mercantilização reside em fatores temporais, culturais e sociais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPADURAI, A. Introdução: mercadorias e a política de valor. In: _____. **A vida social das coisas**: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Rio de Janeiro: Ed. UFF, 2008. Cap.1, p.15-88.

BARBOSA, L.; CAMPBELL, C. O estudo do consumo nas ciências sociais contemporâneas. In: _____; _____. (Org.). Cultura, consumo e identidade. Rio de Janeiro: FGV, 2007. Cap.1, p.21-46.

CAMPBELL, C. O consumidor artesão: cultura, artesania e consumo em uma sociedade pós-moderna. **Antropolítica**, Niterói, n. 17, 1995, p.45-67.

CUNHA, Marco Antônio Caetano. Entrevista concedida a Andressa Porto Pereira. Pelotas, junho de 2015.